

SEMENTE VELHA *

Kenneth Albernaz

Seus olhos velhos já conheciam tudo aquilo. Não havia ali, aliás, coisa ou acontecimento que não fizesse parte de seu grande repertório de histórias. Assistira batizados, casamentos, assassinatos, prisões, espancamentos e gente velha morrer na cama. Ouvira os fatos, as mentiras, promessas, casos de assombração e, enfim, não havia mesmo nada ali que não tivesse sido do seu conhecimento.

Também não havia roça onde não tivesse trabalhado, fazenda onde não houvesse se deixado esvaír no cabo da enxada. Plantou em todas as encostas e baixadas, destocou terra em todas as chapadas, trabalhou cada palmo de chão, onde a terra permitisse nascer uma forragem, fosse para gente, fosse para criação.

Semeou seu conselho, mostrou sua razão e deu sua vida a muitos. Conservava-a, nem sabia porquê. Talvez uma permissão especial de Deus, talvez uma mixuruqueza que nem o diabo queria, ou simplesmente uma coincidência entre milhões de mortes bestas.

Agora era uma experiência encostada, um braço aposentado, uma cabeça desocupada. Terra não ganhou, gado não tinha e a família, há muito se desfizera; a última mulher se descarnara, filho engajou na polícia e sumiu, filha se perdeu, outros não vingaram e até mesmo os parentes e amigos já tinham cumprido sua tarefa nesse purgatório e entregado os ossos à terra.

* Do livro inédito do autor, «Gente Miúda».

Nesse correr de tempo contínuo, muita coisa tinha mudado. Boi deixou de puxar arado, cavalo já quase não campeava gado, surgira a carteira assinada, o carro a motor roncava por todo lado, aparecera o trator e até mesmo as roças prediletas sumiram, dando lugar a outras plantações, algumas que ele nem sabia para que fim serviam.

E foi depois de tudo aquilo e contudo, que aquela carcaça resolveu voltar pra seu rincão nas barrancas do São Francisco e pensando encontrar seu velho chão, topou com uma cidade estranha, crescida no meio de uma ou outra casa de sobrado que ele guardava na memória. Não tendo orientação naquele casario estranho, nem conhecimento de gente viva, fôra parar num ponto onde só os mais desvalidos iam deixar a alma, junto com alguns trocados, por um gole de pinga.

Chegara no meio da noite e se deixara ficar assentado num batente, à espera do dia, sentindo o cheiro de álcool azedo e mijo velho. Há muito tempo não comia, mas seu organismo já quase nem precisava daquele luxo, sobrevivendo com qualquer coisa de vez em quando. Não tinha mais ansiedade que o fizesse desejar um gole daquilo, ou uma pitada daquele.

A única precisão que tinha era de estirar as pernas num lugar qualquer, consertar a respiração neste meio tempo e chupar o ar avidamente pelas narinas cabeludas e arreganhadas. De silêncio gostava, mais por costume do que por carência, pois dormia em qualquer forró e, contando que o deixassem quieto, era como um cachorro velho que não incomodava ninguém.

Tinha porém um sonho, que na verdade não era assim tão simples. Queria morrer no trabalho e ter um lugar onde deixar o corpo, pois depois de ter vivido quase um século ao vento nas plantações, não queria ser varrido para a cova sem mais nem menos. Sabia-se menos do que um traste, pouco mais do que uma folha caída no tempo das ventanias e por isto mesmo, queria sua roça e sua sepultura.

Mas não sabia como se arranjar, pois já não havia quem o quisesse, não havia chão para plantar, nem mesmo aquela semente de gente. Já não havia percorrido tantos lugares em busca de quem o quisesse? E não viera dar com os costados ali,

sem achar serventia para seu esqueleto? Sentia próximo o dia e inevitável a hora, mas o mundo crescia e ele diminuía, num desencontro infeliz.

E quando foi pela manhã, um moço moreno, cara sonada, veio abrir o boteco, pedindo mal humorado uma licencinha, para abrir a porta. Ele não se coçou com a má educação do moço e se levantou, com esforço e foi se assentar mais longe um pouco. Ali ficou, muito do seu jeito, olhando as coisas passarem à sua volta. Veio o homem do pão, com um grande cesto nos ombros e ele se afastou um pouco, para dar passagem. Veio depois o jegue com o leite e mijou perto dele, forçando-o a se livrar dos respingos.

Não demorou muito chegou uma dona e lhe disse que tinha de armar seu tabuleiro de doces ali e que ele se afastasse um pouco. Daí a logo a mulher começou a apregoar seus negócios, chamando os compradores com agrados de «meus bens» e «meus afilhados». Mais um pouco e a coitada já não estava tão animada e só conseguia olhar suplicante para as pessoas que passavam, sem se interessar por seus doces.

— Sabe, eu tenho cinco lá em casa para dar de comer... — Disse olhando para o velho, assentado na beira do passeio a dois ou três metros do tabuleiro.

— É, é preciso comer... — Tremeu a voz do velho, embora seus olhos baços não estivessem dizendo nada que fosse desse tempo.

— Mas tá difícil de conseguir vendendo doce...

— Eu não consegui plantando...

— Olha a cocada, os quindins, os agrados! Óia que beleza de coisa boa! — Gritou a dona, se esquecendo do velho, quando passou um bando de meninos para a escola. — Olha o doce, meus anjos!

Foi rapidamente cercada pela meninada e, saindo depois cada qual com sua guloseima, nem se atinaram para o velho, assentado ali.

— Se não fosse essa meninada... Gente grande não gosta de doce. — Suspirou a mulher.

— Gente grande só gosta de terra.

— De terra não sei nada. Só sei de doces.

— De doce tenho minhas lembranças, mas de terra tenho minha vida...

A mulher olhou-o, um pouco mais interessada naquela voz que saía do meio de barbas brancas emaranhadas e perguntou:

— E o que é que faz aí?

— Esperando... Um pedaço de terra ou meu caixão.

Aí veio um carro, sujo de lama das fazendas, parou em frente, ao lado do meio fio e ele teve de se afastar, para não atrapalhar o serviço de um homem moreno, que descarregava caixotes de verduras e sacos de feijão.

A dona dos doces ficou mais longe e já não dava para conversar, sem ter de alçar a voz. Mas como foi parar na porta de uma venda, o dono logo veio dizer que ali era caminho dos seus fregueses e que ficasse em outro lugar. Chegou-se para lá e da mulher só via a pontinha da cabeça, meio escondida atrás do carro.

E de todas as roças sabia. Mandioca era brincadeira, batata não tinha segredo, milho era porcaria e feijão café pequeno. E das estórias e lendas do sertão, sabia de todas, desde Lampeão aos novos jagunços, a mando das empresas. As serras nomeava todas, as chapadas palmilhara uma por uma e as veredas conhecia de beira a fundo.

Não havia conta dos cabos de enxada segurados por suas mãos grossas, era grande o número de fazendeiros, era imenso o chão plantado dia após dia... Tinha coisa do passado, que de tão longe, nem se lembrava mais. Tinha aperto esquecido e da Sebastiana só guardava o nome, nem de mulher nenhuma carecia mais.

E não demorou muito pra uma meninota espevitada começar a varrer o passeio, forçando-o a sair, indo se assentar mais longe, já quase na esquina, onde não podia ficar, pois sobre um pano estendido, um homem de óculos escuros expunha sandálias, pulseiras e cordões dourados.

Foi para debaixo de uma árvore, bem no meio do largo, onde só ficou um pouquinho, pois logo cada vaqueiro que chegava e deixava o cavalo ali amarrado, dizia bincando:

— Cavalo vai te pisar, meu avô. É bom não facilitar...

Assim as pernas tiveram de andar mais uma vez e, sem lugar para parar... Tudo ali tinha dono, desde as casas, os passeios e até a sombra das árvores... Não podia parar, nem descansar o esqueleto e assim foi saindo da cidade pequena, tão pequena que não tinha lugar e, já na saída descobriu uma mangueira, onde pôde se deixar cair. Não demorou muito e cochilou, roncando velhice na garganta ressecada.

— Vão levantar aí, ô. Isso aqui não é pouso de vagabundo não!

E mal deu tempo de olhar a cara do praça e já teve de colocar em cima dos cabelos brancos o resto de chapéu e se movimentar, tomando o rumo do mato, que era o único lugar sem dono por ali, ou que pelo menos era tão vasto, que não haveria de sua presença incomodar o olho de quem quer que fosse.

Já desbravara terra de ninguém, a mando de patrão tarefeiro, derrubara mata, limpava terreno, matando cobras de todos os tipos, comendo pouco, ruim e frio, tomando até chilepada nas costas. Não haveria de ser qualquer coisa que o ia aperrear.

A última fazenda onde morou foi vendida para uma companhia e, se o fazendeiro o conhecia de há muito, os diretores da empresa nem nunca ouviram falar seu nome e nem viam serventia em sua velhice. Teve de sair, enquanto os tratores destruíam os roçados, os casebres, tudo, para plantar capim. No caminho viera procurando lugar para morar e um último cabo de enxada, mas ninguém estava empregando e foi se afastando, voltando para o cu do sertão, onde estava enterrado seu umbigo.

O saco que trazia às costas ia se esvaziando, na medida que ia descobrindo não ter serventia de alguma coisa, que só aumentava o peso a ser carregado. Assim foi com o caneco de folha, com o prato de alumínio, com a candeia, um chifre que tinha ficado anos e anos fincado no moirão da porteira do último rancho que habitara. Quando parou debaixo de uma árvore, já fora da cidade que o tinha escorraçado, abriu o saco e nele só tinha um canivete velho, uma coberta esfarrapada e uns grãos de milho, esquecidos no fundo quando ele o esvaziara para usá-lo como mochila.

Ali, onde a estrada se alargava um pouco e era margeada por um rego d'água, esticou as pernas e ficou gozando a sombra, com as costas apoiadas no tronco áspero. A terra úmida esfriava seus ossos, provocando uma dorzinha fina nas juntas, mas não quis sair dali. Com as mãos foi mexendo, apalpando, deixando a terra escorrer por entre seus dedos, sentindo que era boa e fértil.

Depois pensou, que pelo menos a roça teria. Arrastou-se até o sol e enterrou os bagos de milho, uns sete ou oito, enfileirados junto à umidade do córrego. Logo os brotos estariam nascendo... Voltou à sua árvore, assentou-se na posição anterior e recostou-se no tronco, olhando para a direção de sua roça... Mais umas semanas e já daria para ver as folhinhas saindo da terra... Agora só faltava que alguém o encontrasse e providenciasse levá-lo para um lugar onde o vento não incomodasse muito... Cobriu as pernas, fechou os olhos e deixou que a cabeça escorregasse para o peito, tranquilamente...